

A viúva de Girardoux

RECADO DE PARIS

PARIS, dezembro — A viúva de Jean Girardoux fala sobre o finado. "João nunca me poupou suas críticas. Ele me censurava por rir muito alto — e é verdade que, antes de conhecê-lo, eu era muito alegre — e por não ir à missa aos domingos. Aliás, ele também não ia, embora, como eu, tivesse o maior respeito pela religião... Não, nunca ousei pensar em ajudá-lo em seu trabalho... Ele escrevia com velocidade; um romance como "Siegfried et le Limousin" foi feito em três semanas... Nossa maior surpresa foi seu êxito no teatro: estávamos certos de que não faria o menor sucesso... De suas peças prefiro "Amphytrion 38" por ser a imagem do casal feliz que éramos naquele tempo... Sempre fui sua primeira leitora e ele discutia comigo o que escrevia... Apenas, sobre "Sodome et Gomorrhe" ele quase não me disse nada, talvez porque essa peça esteja tão cheia de rossas coisas: é o eterno problema de dois seres que se amam e se fazem sofrer... Sim, João gostava de me inquietar, às vezes. É verdade que isso não durava; ele voltava depois para o meu lado, ainda mais afetuoso. Mas às vezes me deixava durante semanas, sem aparecer nem dar notícias... É verdade, me reconheço em todas as suas heroínas, menos a de "Combat avec l'arge". Sou eu a moça de "Suzanne et le Pacifique", eu sou Electra, Ondina... Encontro-me com frequência em seus diálogos. Mesmo o grito terrível de Ondina: "Se me enganares eu te mato!" não me é estranho... Conservo dele a lembrança de um homem de surpreendente alegria. E como gostava de jogar! Adorava o bridge, o ping-pong... Sim, talvez um dia eu escreva minhas memórias".

• • •
Perfumes novos: "Chasse gardée", de Carven; "J'aime", de Jacques Heim; "Baghari", de Piguet, e "Carnasta", de Jacques Fath, inspirado no jogo que hoje faz furor em Paris.

E um novo livro de Jean Cassou: "Le Bel Automne", inspirado na vida do pintor inglês Turner.

24.12.50

R. B.

16.12.65

351